

# ESTUDANTES PELO COMUNISMO

**REFORÇAR A INICIATIVA!**

**DIRIGIR AS LUTAS!**



• EDITORIAL

• 1º DOCUMENTO SOBRE A U.E.R.

• RESOLUÇÕES DA 2ª REUNIÃO DA C.P./C.N

• BALANÇO DO 2º ACAMPAMENTO NACIONAL

BOLETIM INTERNO DO SECTOR ESTUDANTIL  
• COMISSÃO PERMANENTE DA COORDENADORA  
NACIONAL

PREÇO: 10\$00

16.10.77

nº 17



**MES**

# EDITORIAL

## Reforçar a iniciativa!

## Dirigir as lutas!

Após 3 meses de interrupção na publicação do "ESTUDANTES PELO COMUNISMO", o nosso Boletim Interno retoma a sua actividade, como instrumento fundamental para o desenvolvimento do trabalho dos comunistas no seio dos estudantes.

Embora sendo um pouco tardiamente em relação à última grande realização do Sector - o 2º ACAMPAMENTO NACIONAL - o "EPC", no entanto, sai num momento em que a situação nas escolas se agrava dia para dia, pelo facto do governo burguês recorrer cada vez mais a medidas claramente anti-estudantis e anti-populares, cedendo agora mais do que nunca, às pressões do imperialismo.

As medidas que o MEIC já tomou, antes mesmo das actividades escolares se iniciarem, vem confirmar não só a análise que o nosso Partido faz da actual situação nas escolas, mas também reafirmar o carácter prepotente do MEIC e o carácter global do plano definido pela burguesia e pelo imperialismo fundamentalmente.

58% de reprovações nos exames de aptidão, institucionalização do numeroso clausus, aumento dos preços nas refeições nas cantinas universitárias de 20.00 para 30.00, o aumento dos preços das Residências para estudantes, a "Reestruturação" na forja, desemprego para milhares de professores e a marginalização de largos milhares de jovens que ficarão sem estudar e sem garantias de emprego, são as medidas bem ilustradoras da política reacçãoária do governo.

Isto significa que o estilhaço foi aceso. O terreno da luta está denarado e o confronto será inevitável. E então a iniciativa tenha pertencido, mais uma vez ao inimigo, é necessário e urgente que os comunistas tomem a iniciativa e saltem para a frente do descontentamento espontâneo dos estudantes, dotando-o de uma direcção firme, definindo a cada momento os objectivos de luta e as formas de luta. É urgente e necessário que os militantes do MES desenvolvam uma actividade intensa de agitação e sensibilização das massas quando o adormecimento é grande e que saibam apresentar e levar à prática as nossas propostas, com empenhamento, dedicação, iniciativa e criatividade, pelo caminho para o M.E. se mostrar combativo e acumular forças.

Este "EPC", da responsabilidade da COMISSÃO PERMANENTE DA COORDENADORA NACIONAL DO SECTOR ESTUDANTIL, é um instrumento importantíssimo para o nosso trabalho e resulta da discussão havida nas duas primeiras reuniões da CP/CN, no sentido da elaboração e aprovação do PLANO DE TRABALHO.

A seguir a este Editorial apresentamos o primeiro documento para discussão sobre a UER, o qual se discutiu recentemente no Sector, mas sem a todo o Partido e será integrado no debate preparatório do III CONGRESSO. Por este motivo torna-se necessário dizer que este documento é uma expressão do grau, ou melhor, do estado actual da discussão em torno deste problema no seio da própria CP/CN, única estrutura que até ao momento o abordou de forma organizada. Dei que o texto possa ter uma linguagem impenetrável e confusa, pensamos nós. Pelo que a nossa crítica tenha que se estender também a um certo tipo de linguagem um pouco intelectualista.

Seguidamente transcrevemos 4 RESOLUÇÕES, que constituem a orientação do nosso trabalho para os próximos 3 meses e que representam um esforço da CP/CN em ganhar coesão e capacidade de deliberação para se transformar numa estrutura de direcção GLOBAL E NACIONAL do Sector. Esta tarefa será dificultada se não houver iniciativa na concretização das tarefas políticas que se apontam.

**N O REFORÇO DA INICIATIVA, GANHAREMOS INSERÇÃO NO SEIO DOS ESTUDANTES, DIRIGIREMOS AS LUTAS !**

# a importância política da U.E.R. e a sua necessidade partidária

## INTRODUÇÃO

1. Ao longo do ano escolar que passou, o nosso Partido teve forte influência na marcha dos acontecimentos nas escolas e teve de enfrentar 2 processos de luta globais que se generalizaram às três Academias e que constituíram dois processos significativos de afrontamento à política do governo.
2. Os ensinamentos das lutas que vivemos têm de ser ~~retirados~~ retirados para corrigirmos e melhorarmos o nosso trabalho. Teremos que analisar em que medida as tarefas do nosso Partido, as tarefas da Resistência Popular, foram cumpridas e em que medida elas permitiram fazer avançar a luta estudantil.
3. Retirar e estudar os ensinamentos das tarefas do nosso Partido para a luta de massas não pode estar separado de uma reflexão atenta e minuciosa das tarefas partidárias em matéria de organização. Ou seja, Teremos que definir com precisão qual a nossa base de apoio nas escolas e saber caracterizá-la, como forma de encetarmos um processo de transformação da nossa influência política em força organizada, em implantação real e permanente.
4. E é aqui que surge a seguinte questão : o caminho de transformação do MES numa força organizada de classe, assente na organização de quadros políticos, com princípios organizativos marxistas-leninistas e fortemente centralizados, permitirá chamar ao trabalho político organizado um vasto leque de camaradas estudantes revolucionários que simpatizam com a linha política do MES ?

E a resposta a esta pergunta não pode ser definida unicamente pelo Sector Estudantil, mas sim por todo o Partido. Nós, pela parte que nos cabe, damos o pontapé de saída...

### I - A OFENSIVA BURGUESA E A RESPOSTA DO MOVIMENTO ESTUDANTIL

Antes de abordarmos o tema central deste documento, importa ~~examinar~~ <sup>examinar</sup> rapidamente como se traduziu a ofensiva burguesa nas escolas e como se exprimiu a ~~resposta~~ <sup>resposta</sup> do movimento estudantil nos anos de 76 e 77, ainda e de passagem, a correlação de forças nas escolas, o que será finalizado com as tarefas dos comunistas para a frente de luta estudantil.

5. Apolítica de Cardia representa a fase de destruição das conquistas alcançadas pós 25 de Abril, um plano global definido pela burguesia e pelo imperialismo. É com Cardia que pela primeira vez o poder se lança séria e coerentemente na reconversão capitalista das escolas ! Depois de "arrumadas" as coisas no terreno político-militar e desferidos os ataques às principais conquistas dos trabalhadores, a direita virou-se decididamente para as escolas.

6. Cardia não representa apenas esta ou aquela medida reacçãoária, representa muito mais : um plano global que vai desde os magistérios primários às Universi-

dades e que visa :

- criar os técnicos, aos vários níveis, capazes de suportarem o progresso em marcha de reconstrução do aparelho produtivo capitalista, formados já não na lógica dos agentes directos da repressão patronal, mas no espírito democrático - burguês, "europeu", tecnocrático e "competente";

- formar os ideólogos e as mentalidades baseadas no respeito da ordem burguesa, dos mitos do parlamentarismo e da delegação de poderes.

7. E durante o ano que passou, Cardia não se limitou a lançar esta ou aquela medida sobre esta ou aquela escola. Foi obrigado a lançar um conjunto de medidas globais de ataque frontal a todas as escolas e ao movimento estudantil :

- decreto de gestão que visava o restabelecimento do total controle das escolas pelo aparelho de Estado;

- reintegração de professores saneados (Coimbra) primeiro ensaio para a recriação de um corpo de professores de confiança

- numerus clausus medida que visa adequar os critérios de selecção aos seus objectivos, e que vai vedar as portas a 60% de estudantes candidatos!

8. A resposta do movimento estudantil a estas medidas, apesar de significativa, mostrou-se débil. Essa debilidade resultou fundamentalmente do facto dos objectivos da luta do M.E. estarem ainda dispersos na consciência de largos sectores das massas e da fraqueza organizativa das estruturas associativas. Da conjugação destes factores resulta que o movimento estudantil se defronta com uma grande dificuldade em quebrar o isolamento de cada escola, em suportar processos de luta prolongados, abertos e frontais, em globalizar a luta da uma escola às restantes, e de se integrar no M.R.P. global

9. O facto de o movimento estudantil não ter conseguido vitórias totais e globais em qualquer dos 2 processos de luta, não leva a que se retirem conclusões precipitadas e que tentem exprimir que não houve resistência nas escolas à ofensiva burguesa.

10. Para o nosso Partido as lutas que se viveram este ano nas escolas trouxeram também ~~xxx~~ algumas vitórias, parciais e pequenas é certo, mas que por isso mesmo não deixam de ter importância e significado :

11. Ao nível político : Os dois processos de luta, pelas formas de luta adoptadas tornaram-se efectivamente num processo de desgaste ao governo, que conseguiu hegemonizar largos sectores intermédios dos estudantes debaixo das posições revolucionárias e progressistas e que permitiu alargar a influência da esquerda em geral e do nosso Partido em particular. Permitiu provar que a resistência popular alargou as suas fileiras ainda que esteja numa fase diluída e pouco consistente pela ausência de uma plataforma de luta unificadora capaz de dotar os elementos de vanguarda de iniciativa renovada.

12. Ao nível da organização democrática dos estudantes : houve na realidade um fortalecimento das AAEE revolucionárias e progressistas e um alargamento da democracia no seio das associações. Em algumas delas iniciou-se e reorganização do trabalho de forma a combater o parlamentarismo ao nível da organização das escolas que o governo e a direita se esforçam por introduzir.

13. Outro aspecto que importa referir aqui é o da correlação de forças nas escolas. A situação actual é caracterizada por uma grande polarização de posições : hoje, resultado do processo político, as "camadas intermédias" tendem a reduzir-se e as posições a polarizarem-se abertamente entre a "esquerda" e a "direita". Isto quer dizer que o terreno de luta "Anti-MEIC" se desloca imediatamente para dentro da escola contra os seus representantes políticos e o processo transforma-se,

assim, num quotidiano combate pela hegemonia ideológica dos estudantes.

14. A maioria dos estudantes mantem posições progressistas, anti-fascistas e anti política do MEIC, mas a base de apoio às movimentações não cresceu significativamente com os processos de luta, já que não se conseguiu interligá-los correctamente com um trabalho de base, assente na formação ideológica e cultural dos estudantes.

15. Os revolucionários continuam a ser a principal força no seio do movimento estudantil progressista, já que nessas condições, forças políticas intermédias como a JS e a UEC tendem a ser esmagadas por qualquer processo de luta global. Na realidade, podemos afirmar que o nosso Partido tendo unicamente uma posição de influência na direcção da primeira luta - decreto de gestão - dá um salto qualitativo na segunda - saneados de Coimbra - afirmando-se como a força dominante e hegemónica na sua direcção.

16. Se combater e derrotar a direita era o objectivo central da nossa acção é verdade também que para alcançar esse objectivo batemo-nos também para esmagar o capitulacionismo da UEC, o aventureirismo dos grupúsculos troskistas e também as hesitações e oportunismo da UJCR/UEDP. (precisar o oportunismo).

17. A nossa capacidade de direcção das lutas e a capacidade de combater a direita e os nossos adversários do campo progressista, devem-se muito, também, à capacidade que tivemos de hegemonizar largos sectores de vanguarda das massas que conosco trabalham no seio do ME e do MA e que não se encontram organizados partidariamente.

18. Dentro deste quadro traçado, as grandes tarefas que se colocam aos comunistas nas escolas são claras; desenvolver uma tática que faça o Movimento de Resistência Popular ganhar as características de massa e força organizada, acabando com a sua dispersão e que passa por unificar e organizar os sectores de vanguarda das massas e outros estudantes que despertem para a luta no caminho do relançamento dum forte movimento de massas dos estudantes, dotando-o de estruturas organizativas.

19. Estas grandes tarefas dos estudantes comunistas do MES podem-se sintetizar numa palavra de ordem central - UNIDADE, ORGANIZAÇÃO E LUTA CONTRA A RECONVERSÃO CAPITALISTA DAS ESCOLAS - o que significa lutar :

- pela defesa da gestão democrática e da democracia nas escolas.
- contra a ideologia e métodos reacçãoários e seus agentes.
- não permitir a reintegração de fascistas saneados
- pela construção de um ensino crítico, profundamente ligado às aspirações e sentimentos do povo trabalhador.



## II - A IMPORTÂNCIA POLÍTICA DA UNIÃO DOS ESTUDANTES REVOLUCIONÁRIOS

A - UNIFICAR E ORGANIZAR OS SECTORES RADICALIZADOS E DE VANGUARDA DAS MASSAS É UMA TAREFA POLÍTICA IMPORTANTÍSSIMA

20. Já afirmámos anteriormente que o movimento de resistência popular nas escolas se encontra desorganizado e disperso, muito embora se tivessem processado grandes saltos em frente contra este estado de coisas, e sob a direcção do nosso Partido as formas de luta adoptadas, permitiram clarificar quais os objectivos da luta estudantil na actual fase da ofensiva burguesa, como permitiram iniciar um processo de aglutinação política dos sectores radicalizados das massas estudantis e de largo numero de elementos pertencentes a direcções associativas.

21. Contudo, muito há a fazer para que os objectivos da luta estudantil se unifiquem e se tornem nítidos em termos de massa, por um lado, e sejam assumidos de forma consequente pelos sectores de vanguarda e radicalizados das massas, por outro.

22. Conscientes de que o processo de unificação dos elementos radicalizados das massas, que despertam, acompanham ou se destacam em processos de luta globais ou mesmo nos processos internos a cada escola, não se deve fazer no interior do próprio Partido, estamos igualmente certos de que o nosso Partido não pode unicamente oferecer a esses elementos a sua integração nas estruturas democráticas das massas estudantis-AEEE.

23. Isto constitui um ensinamento que retiramos do nosso enraizamento no movimento estudantil e no movimento associativo, enraizamento esse que se alargou mais no campo político do que no organizativo.

Na realidade, dizemo-lo seguramente, que possuímos hoje uma influência política e também ideológica nas escolas considerável, influência essa conseguida através de um trabalho aberto e de aproveitamento das estruturas associativas dos estudantes como veiculadores rápidos da nossa linha de actuação e perspectivas de trabalho, não tendo havido a contrapartida organizativa, ou seja, não tendo havido um trabalho de organização desses elementos para além dum débil recrutamento partidário ou para além de se ter reforçado algumas direcções associativas através dum aumento de coesão interna.

24. Aos elementos que progressivamente iam sendo influenciados pelo nosso estilo de trabalho só lhes "oferecíamos" 2 instrumentos organizativos; o Partido e a organização democrática de massas. Esta situação criou, ao longo da história do Sector, vários problemas no desenvolvimento do nosso trabalho que tinham como base o facto de se considerar as associações como estruturas frentistas, o que traduz infantilismo político que confunde a organização frentista com a organização democrática das massas; e também o facto de, muitas vezes, para aqueles que não lhes escapa a organização associativa, lhes abrimos as portas do Partido sem se comprovar que o seu empenhamento militante no seio da luta estudantil estava suficientemente maduro para retransformar em prática comunista, em prática partidária.

25. Desta forma nunca conseguiremos organizar um espaço político próprio (se bem que aberto pela acção do Partido o ultrapassarem em muito) cuja organização conseguirá articular seguramente em trabalho político com o trabalho associativo e também com o trabalho cultural, este último a ganhar uma importância cada vez maior.

26. Isto significa que esse espaço político próprio só ganhará significado se for organizado, o que para tal não chega que se avance na formação de uma organização de tipo frentista cuja autonomia política (e não só organizativa) face ao Partido teria de ser preservada. Torna-se importante politicamente que esses elementos radicalizados e de vanguarda sejam organizados de forma a aproximá-los politicamente e ideologicamente do Partido que os dirige.

27. Criar uma organização de massas que agrupe, numa primeira fase, os sectores radicalizados e de vanguarda dos estudantes, em torno de um programa de trabalho político e cultural virado para a direcção da luta estudantil contra a reconversão capitalista das escolas, através do reforço do movimento associativo dos estudantes, e de uma profunda intervenção cultural e ideológica para esmagar a direita, é um objectivo fundamental que a ser alcançado integrará o Movimento estudantil no movimento de resistência popular e organizará as forças para futuras ofensivas.

B - ERGUER UMA ORGANIZAÇÃO DE MASSAS DO PARTIDO QUE ORGANIZE E ALARGUE O ESPAÇO POLÍTICO DOS COMUNISTAS É UM INSTRUMENTO FUNDAMENTAL PARA ALTERAR A CORRELAÇÃO DE FORÇAS ACTUAL E PARA O MOVIMENTO ESTUDANTIL RETOMAR A INICIATIVA

28. Cada período da luta política de massas tem características particularmente diferentes com as de outros períodos e exige, portanto, que o Partido ergua plataformas de luta e utilize formas de luta e organização diferentes, pelo que os comunistas devem conseguir que as massas através da luta atinjam os objectivos específicos para um determinado período, e também devem procurar o caminho futuro da luta revolucionária.

29. Mais concretamente queremos dizer que o problema central da nossa política para a actual fase da luta nas escolas é o problema de superar a fragmentação e divisão dos diversos sectores dos estudantes, e elevar o seu nível de consciência política, melhorar a sua organização e a sua capacidade de combate para integrar o movimento estudantil no movimento de resistência popular, de forma que o nosso Partido se afirme clara e seguramente como força dirigente.

30. Este esforço central dos comunistas na frente de luta estudantil está profundamente ligada ao processo de ganhar os estudantes de vanguarda e radicalizados, vincularmo-nos organicamente com eles, sem descorar, como é obvio, o trabalho político no seio das massas estudantis.

31. Isto significa que esta ligação orgânica tem que dar lugar a uma organização especificamente voltada para dirigir a luta estudantil e que saiba canalizar as reivindicações imediatas dos estudantes para a acção política, para a luta política. Como se torna claro, isto não se constitui num processo linear de avanço político e organizativo do campo revolucionário e de desgaste permanente do inimigo.

32. Pelo facto de este processo não ser linear obriga que os comunistas ao organizarem fora do Partido os elementos de vanguarda e radicalizados, façam inserir essa organização e os seus avanços no seio dos estudantes e nas suas lutas, único caminho para, numa segunda fase, se poder caminhar no alargamento e abertura a sectores progressistas dos estudantes e que sejam ideologicamente hegemónizados por um projecto de sociedade alternativa que o Partido apresente.

33. Isto só se conseguirá com o erguer de plataformas de luta para cada período de luta capazes de fazer avançar as massas estudantis em torno de objectivos bem definidos e de alcançar formas superiores de luta. Isto quer dizer que a acumulação orgânica tem que prever sempre um momento de abertura organizativa correspondente ao grau de inserção nas massas e do próprio avanço da luta estudantil.

C - A UER - ORGANIZAÇÃO ESTUDANTIL DE MASSAS DO PARTIDO COM AUTONOMIA ORGANIZATIVA - NÃO É UMA ORGANIZAÇÃO FRENTISTA

C- A UER - ORGANIZAÇÃO ESTUDANTIL DE MASSAS DO PARTIDO COM AUTONOMIA ORGANIZATIVA - NÃO É UMA ORGANIZAÇÃO FRENTISTA

34. Tudo o que já dissemos atrás, impõe ao Partido uma decisão sobre a forma dessa organização. Isto é, se a prioridade apontada para a organização e unificação dos elementos radicalizados e de vanguarda dos estudantes, será mais correcto e trará mais frutos para o Partido avançar na construção de uma organização frentista? Ou avançar na construção de uma organização de massas, subordinada à direcção política do Partido mas com autonomia organizativa?
35. Queremos fazer agora uma pausa para dizer que o documento tem todo ele um fio condutor e que marca claramente a nossa posição quanto ao tipo de organização a avançar. Se aqui vamos avançar com a explanação de um novo tipo de organização é porque prevemos que será útil para o Partido, no sentido de se tomar uma opção.
36. Continuemos então.  
Avançar para a construção duma organização frentista implica que a autonomia organizativa e política face ao Partido terá que ser preservada e em que a direcção partidária sobre ela terá que ser estabelecida através da acção das células do Partido nas escolas, o que exigia que o Sector Estudantil continuasse organizado enquanto tal no seio do MES.
37. Claro está que a construção de uma organização desse tipo apesar de implicar a continuação do Sector Estudantil, implicaria também uma transformação das próprias células partidárias e restantes estruturas, no sentido de serem compostas e animadas por verdadeiros quadros do Partido, quadros políticos capazes de dirigirem a Frente a todos os níveis a caminho da direcção da luta de massas.
38. Para além da separação organizativa, o programa da Frente e o programa do MES para as escolas terão que ter diferenças significativas, ou melhor, não poderão confundir-se um com o outro, embora no terreno da luta a identidade de posições tiver de ser uma constante, o que constituirá exigência e necessidade para quem dirige uma frente para a luta estudantil.
39. Avançar na construção de uma organização estudantil de massas do Partido com autonomia organizativa significa dizer que a organização vertical e nacional dum sector como o estudantil encontrará entraves ao seu desenvolvimento dentro do próprio Partido, ou melhor, encontrará entraves ao seu desenvolvimento dentro do quadro da luta pela transformação do MES numa organização comunista e de classe composta por quadros políticos de vanguarda assim como poderá contribuir para entrar este processo transformador.
40. A autonomia organizativa não pressupõe neste caso autonomia política. Isto significa que a organização dos estudantes do MES terá que estabelecer a sua própria organização, o seu próprio órgão de massas, mas subordinada sempre à linha política e ao programa do partido. É uma organização que pelo próprio facto de autonomia face ao partido no campo da organização, estará mais apta para alargar a influência do Partido no seio dos estudantes, acompanhando esse alargamento com um trabalho de organização mais aberto, menos rígido do que aquele que o Partido terá que adoptar definitivamente.
41. Por outro lado, pelo facto de a organização dos estudantes do MES estar subordinada à política do Partido, significa que o chamamento e o enquadramento dos sectores de que falávamos não terá um cunho de "independentismo", mas antes terá um cunho claramente político e de adesão a um projecto político, o que traduzirá uma opção militante desses sectores, logo à partida.

A. O MES TEM DE SE TRANSFORMAR NUMA ORGANIZAÇÃO COMUNISTA DE VANGUARDA, PASSO DECISIVO PARA A CONSTRUÇÃO DO PRCO

42. Ao conhecarmos a necessidade da construção da organização estudantil do MES não nos subordinamos unicamente à necessidade de organizar e unificar os sectores de vanguarda de que falámos. A construção da organização estudantil do MES com autonomia organizativa, assim como a construção de qualquer outra organização de massas do Partido tem a ver fundamentalmente com a construção partidária do MES, a caminho do Partido Revolucionário da Classe Operária. Esta é a questão central que se nos coloca na actual fase e que nos impõe, a todos, uma opção e um empenhamento na nossa própria transformação.

43. Construir o Partido Revolucionário da Classe Operária é construir uma organização proletária, composta por quadros políticos de vanguarda, com real capacidade de direcção sobre as lutas da classe operária e dos seus aliados, com forte apoio de massas que constituem o bloco social revolucionário, capaz de alterar a correlação de forças actual. Ao dizermos isto não queremos estar a contribuir para que isto se tornem em chavões vazios de conteúdo e a repetir o que já fortemente foi propagandeado no seio da organização.

44. Antes queremos retirar ilações para o trabalho do sector e saber integrá-lo na luta do MES pela sua transformação. Isto quer dizer que afirmamos não estarem reunidas as condições no campo da construção partidária global, para o MES continuar, em termos imediatos e mesmo a curto prazo, uma organização de massas para a frente de luta estudantil, apenas do nosso trabalho nesta frente ter alcançado já uma dimensão significativa.

45. Ao afirmarmos que não estão reunidas as condições, baseamo-nos nos seguintes pontos:

- a nossa organização ainda não se libertou completamente dos resquícios frentistas que estão na origem do nosso movimento e também dos vícios do corporativismo;

- o nosso Partido assenta ainda pouco o seu trabalho em estruturas vivas e enraizadas no trabalho de massas e possui um restrito número de camaradas que sejam quadros políticos de vanguarda e de classe, assim como possui fraca implantação de massa e de classe.

- o regionalismo está fortemente enraizado no seio da organização, o que constitui entrave à centralização e direcção global da acção política de massas do Partido.

- os nossos avanços na definição da linha política têm ainda uma base essencialmente intelectualista, o que traduz o desprezo pelas tarefas de organização partidária, representando isto uma distorção na correcta mediação que deve haver entre a teoria e a prática, pelo que dificilmente seremos reconhecidos como portadores duma linha revolucionária e que dote a classe operária dum projecto autónomo.

46. A superação destes pontos, pontos esses contraditórios até com a transformação do MES numa organização comunista, é uma condição básica para que o nosso Partido esteja apto a avançar seguramente na construção da organizações de massas.

47. Por isto pensamos que a construção da organização estudantil do nosso Partido está profundamente ligada à transformação do MES numa organização comunista de vanguarda. A nossa transformação não se fará com confissões de fé mas através de

levar até às últimas consequências os ventos transformadores do sentido de nos viarmos definitivamente para a luta de massas, acompanhado do trabalho de organização e com o erguer do militante comunista no sentido total da palavra.

48. É esta a opção que temos de tomar definitivamente, porque só com comunistas, só com uma organização ~~democrática~~ que o MES pode apontar como objectivo a criação de uma organização estudantil e subordiná-los aos interesses autónomos do proletariado. Por haver base material para avançarmos é que colocamos ao Partido como objectivo a alcançar a construção da União dos Estudantes Revolucionários.

B - ERGUER A ORGANIZAÇÃO ESTUDANTIL DE MASSAS DO PARTIDO, COM AUTONOMIA ORGANIZATIVA, CONRESPONDERÁ A UM SALTO EM FRENTE NO NOSSO ESTILO E MÉTODOS DE TRABALHO

49. Se a construção da organização estudantil do Mes corresponde a uma necessidade da nossa transformação e a uma necessidade de reforçarmos o Partido na frente de luta estudantil, o processo de construção dessa organização tem de se traduzir em avanços reais nos nossos métodos de trabalho.

50. Quer isto dizer que a organização do Partido em muitos locais do país, ainda tem de assentar em camaradas estudantes. É necessário para o Partido que a primeira estrutura de trabalho para um estudante revolucionário que adere ao MES deixe de ser outra que não da futura organização estudantil. É aí que se iniciará o seu processo de formação partidária e comunista e não através de estruturas que o desenquadraram do meio em que se movimenta e no qual se deve afirmar como revolucionário e dirigente.

51. Por outro lado, torna-se necessário para o MES que se defina claramente o papel do intelectual quadro técnico revolucionário na luta pela Revolução Socialista, e não só durante a fase de construção socialista. Ou melhor, é necessário que o MES saiba manter e enquadrar no seu seio intelectuais revolucionários que trabalham a sério <sup>pele</sup> proiecção dos objectivos que apontamos para cada período de luta.

52. Este será sem dúvida um dos objectivos da organização estudantil de massas do Partido e que constituirá uma resposta a uma necessidade sentida por todo o Partido. O trabalho de pesquisa, de investigação, de recolha de dados não pode ser feito pelas estruturas viradas para dirigir as lutas. Este trabalho tem que ser levado a cabo por outro tipo de estruturas que corresponderão sempre às necessidades do desenvolvimento e alargamento do trabalho político do MES levado a cabo pelas estruturas que estão ligadas às massas e às suas lutas. Assim estaremos à altura de dar resposta aos problemas concretos que se põem nos locais de trabalho e de ultrapassarmos a fase do chafão e da repetição de generalidades.

#### IV - A UNIÃO DOS ESTUDANTES COMUNISTAS - A SUA ORGANIZAÇÃO

53. Muitas questões já foram anteriormente avançadas quanto a este ponto. Sem pretender avançar demasiadamente e na base do palpite, queremos aqui expôr alguns princípios gerais da organização da futura UER.

54. A UER terá que possuir, desde a sua formação, um carácter nacional, isto é, terá que ter uma dimensão nacional com implantação nos três ramos fundamentais do ensino ( secundário, médio e superior ) e nos distritos mais importantes : Vianna do Castelo, Braga, Porto, Aveiro, Coimbra, Leiria, Santarém, Castelo Branco, Portalegre, Lisboa, Évora, Beja e Faro - numa primeira fase.

55. A organização de base da UER assentará nas células de escola e serão estabelecidas direcções regionais e uma direcção Nacional, podendo as direcções regionais coincidir com um distrito, conforme o desenvolvimento do seu trabalho.

56. A direcção política do Partido terá de ser reforçada com o destacamento de quadros políticos do Partido, de preferência estudantes, no nível regional, e através do reforço do papel das Direcções das Organizações Regionais na direcção do trabalho para a frente de luta estudantil e também através do reforço do papel do Comité Central no mesmo sentido.

57. As Direcções Regionais e a Direcção Nacional, com particular relevo para esta, deverão ser constituídas por verdadeiros quadros partidários, pelo que o nosso Partido terá que dirigir a reprodução e formação de quadros no seio da organização estudantil.

58. O princípio do centralismo democrático deverá ser estabelecido o que deverá ser reforçado com uma intensa vida interna de debate e de iniciativas, de forma a chamar todos os seus membros aos avanços que se vão dando. O princípio do centralismo democrático constituirá um forte instrumento de combate ao processo de adaptação ou ao processo que leve a confundir-se com a organização democrática das massas, como muitas vezes sucede com a UEC e já mesmo com a UJCR e que não é só um problema que advém da linha política dessas duas organizações.

## V - CRIAR AS CONDIÇÕES POLÍTICAS E ORGANIZATIVAS PARA LUTAR PELA UNIÃO DOS ESTUDANTES REVOLUCIONÁRIOS

### PLANO DE ACÇÃO DO SECTOR A CURTO PRAZO

59. Se são necessárias profundas transformações da nossa organização como condição fundamental para que se ganhe capacidade de se avançar na construção da organização estudantil autónoma, a verdade é que o Sector Estudantil do MES tem que aprofundar em muito a sua iniciativa e empenhamento para a direcção das lutas e também para o trabalho de organização. Esse aprofundamento implica que a transformação atinja fortemente o Sector Estudantil. Deste modo, há que lançar um conjunto de metas parciais que, a serem cumpridas tornam viável a construção de tão precioso instrumento de luta para a frente escolar.

#### Ao nível partidário

60. Reforçar a coesão das células do MES em todas as escolas, porque o momento que atravessamos coloca o reforço da organização partidária como decisivo. Sem estruturas que sejam o elo vivo entre a organização comunista e as massas e que internamente sejam o elo fundamental de ligação entre os militantes e a direcção do Sector e o resto do Partido não conseguiremos alcançar plenamente nem um dos objectivos que apontamos.

61. O reforço da coesão das células tem que acompanhar um processo ( também que não ser desprezado ) de formação de quadros partidários seguros no próprio sector, única garantia para a UER ser de facto dirigida por quadros partidários formados na luta estudantil. Para isso há que reforçar o trabalho de direcção chamando os camaradas com maior capacidade a desempenharem esse tipo de responsabilidades sem no entanto se cair no desprezo do trabalho de massas e de organização constante.

62. Na fase actual e sempre que haja condições, as células deverão trabalhar no sentido de formar núcleos de simpatizantes, que agrupem elementos que simpatizam com a nossa linha política ou com o nosso estilo de trabalho mas que hesitam ou quando oferecem condições para se filiarem no Partido. Estas estruturas, discutirão, planificarão e participarão connosco na nossa intervenção na escola com base em programas de trabalho bem definidos. Estas estruturas não tendo responsabilidades estatutárias perante o Partido, recebem informação

e documentos devidamente preparados para simpatizantes ( o EPC por exemplo ) e constituirão a base do enquadramento partidário e pilar importantíssimo de assentamento da organização autónoma.

#### Ao nível do trabalho frentista

63. A actual situação exige que o nosso Partido avance, no imediato, para a criação e direcção política dum trabalho frentista cujo objectivo principal se centre na consolidação e alargamento duma linha revolucionária de intervenção, e que deverá ter as suas estruturas e órgãos próprios.

64. Os dois pilares fundamentais desse trabalho assentam no ERGUER DA CORRENTE ASSOCIATIVA REVOLUCIONÁRIA e também no ERGUER DE COMITÉS UNITÁRIOS DE BASE PARA O ENSINO SECUNDÁRIO. Mas para uma compreensão detalhada sobre isto remetemos os camaradas para os 2 documentos que se seguem.

65. Mas antes de terminarmos importa afirmar que é o próprio desenvolvimento deste trabalho frentista que vai criar as condições políticas e também organizativas para a construção da UER. Isto significa que estas estruturas frentistas morrerão quando o Partido o determinar.

RESOLUÇÃO DACP/CN

# Erguer da Corrente Associativa Revolucionária - Tarefa política imediata

No decorrer das lutas travadas no ano lectivo que passou, desenvolveu-se um pouco por todo o país, e em especial ao nível das 3 Academias um forte movimento de recusa frontal das posições do MEIC e das suas consequências em termos de funcionamento das escolas

No decorrer das lutas t... no ano lectivo que passou, desenvolveu-se um pouco por todo o país e em especial ao nível das A.A.E.E. acadêmicas um forte movimento de recusa frontal das propostas do MEIC e das suas consequências em termos de funcionamento das escolas.

É esse movimento, que de uma forma genérica, vai ocasionar, no seu próprio interior, o agrupar das várias posições em confronto quer do lado das forças leais ao MEIC, quer do lado das oponentes.

É também no mais aceso dos processos de luta, que nos surge um conjunto de leições associativas, em que alcançam vitória posições reconhecidas como opositoras do projecto Cardia; e se de um modo geral se trata de AAEE de orientação progressista, é possível distinguir no seu seio um leque razoavelmente vasto de AAEE com programas políticos e trabalho próximos, quando não coincidentes, com aquilo que têm sido as nossas propostas partidárias neste campo ( AAC, FLUP, FEP, ISCAP, ISCAA, Universidade do Minho, etc...).

É este um movimento novo que surge, e que por não ter sido directamente dirigido pelo nosso Partido, conduz de imediato os órgãos de direcção do sector estudantil, depois de um momento inicial em que não predominou o triunfalismo sobre a análise fria dos factos e da natureza dos processos, conduz, dizíamos, a uma situação abertamente alternativa; ou desorganizámos pura e simplesmente este facto, ou sublinhámos a importância que normalmente atribuímos a eleições associativas, ou muito claramente nos lançámos num esforço organizativo que nos permitisse vir a conduzir o trabalho coordenado e organizado de um sector ( quantitativa e qualitativamente ) importante do MA e das suas estruturas democráticas.

E foi sem dúvida a segunda possibilidade a escolhida, até pelo que permitia ao nível do reforço partidário em zonas tradicionalmente fora da nossa intervenção.

A partir desta escolha, demos início a um processo de tentativa de coordenação de esforços e de actividades das várias AAEE, através do estabelecimento de um programa político de carácter unitário, que pudesse vir a constituir-se como o núcleo da C.A.R. . Com base neste programa, lançámos os contactos ( primeiro só com o ISE, FEP e AAC ), que viriam a culminar numa reunião de âmbito nacional em que estiveram presentes 12 das 30 AAEE inicialmente previstas. Nesta reunião viria a ser aprovado um conjunto de orientações para o futuro, bem como algumas formas de actuação a nível imediato ( ENDA's durante a luta contra a reintegração de saneados).

Deste grupo de iniciativas, só os ENDA foram levados a cabo, sendo simultaneamente essés ENDA que permitiram perceber o ponto fraco da tática que apontámos. Ponto fraco que tinha a sua raiz ( hoje podemos dizê-lo) na forma que procurámos para a construção da Corrente Associativa Revolucionária ; o aglutinar de AAEE, com a consequente entrega à sua natureza contraditória, de órgãos constituídos por elementos quantas vezes com perspectivas diferentes sobre os problemas e com influências partidárias algumas vezes diversas.

E isto foi particularmente visível durante o último processo de luta, em que a D.G. da AAC, por exemplo, viria a tomar atitudes vanguardistas, simultaneamente derrotadas e longe daquilo que ao momento propunhamos.

Esta situação, para além da causa que vem directamente da natureza contraditória das AAEE, teve no caso concreto de Coimbra, uma outra, igualmente importante: a desorganização do nosso trabalho partidário, e a incapacidade de veicular e fazer aprovar internamente a direcção, as nossas posições.

À luz desta experiência e depois de iniciado o balanço dos últimos processos de luta, o que fazer? Que propostas apontar para o próximo ano lectivo?

É neste sentido e no quadro do erguer da resistência no sector das escolas, à reestruturação capitalista e à reinstalação de métodos e formas de funcionamento que que pensavamos ter varrido das escolas, que surge a proposta de reorganização da C.A.R. em novos moldes, enriquecidos com um ano de experiência, de vitórias e de derrotas.

Caberá à C.A.R., dirigida pelo nosso Partido, lançar formas de luta à reestruturação dos programas e dos cursos, apresentou propostas nos órgãos federativos competentes, de combate contra o desemprego estudantil, contra o parlamentarismo internamente às escolas, formas diferentes, afinal, de um mesmo fenómeno: a escalada da recuperação capitalista no interior dos aparelhos escolares.

Mas estas tarefas só conseguiremos levá-las à prática, se soubermos subordinar a nossa acção a dois grandes objectivos essenciais;

1) Unir os revolucionários nas escolas alargando simultaneamente o campo dos que optam pela luta contra o capitalismo.

2) Organizar os sectores de vanguarda no nosso Partido, única forma de luta coesistente contra a recuperação burguesa, forma que permite que os combates isolados se não percam e venham a ser objecto de síntese partidária.

É aqui que entronca, à luz destes grandes objectivos, a questão da construção da Corrente Associativa Revolucionária.

Concretamente, propomos uma formulação organizativa completamente distinta da anterior e que assenta no erguer da C.A.R. com base em elementos das DDAEEE e doutras estruturas organizadas do M.A. (comissões de curso, de ano, de turma, etc...)

Esta reestruturação permite dar combate simultaneamente ao juízo possível da transformação da CAR numa tendência, porque elimina a organização das AAEE para a substituir pela organização de elementos isolados, e a natureza contraditória da C.A.R., ao destruir a base em que anteriormente assentava;

Consequiremos através deste modelo organizativo criar as condições para que a C.A.R. desenvolva a sua capacidade de intervenção quer internamente quer às estruturas federativas do MA, sem se formar um corpo com vida separada do MA e dos seus órgãos.

Na ligação íntima aos órgãos democráticos, a CAR ganhará através dos seus membros, a capacidade de responder de uma forma cabal às situações que o movimento de massas cria e exige.

Caberá ao nosso Partido, através das células de escola, dirigir o processo de adesão à CAR permitindo o acesso a aqueles camaradas que revelem espírito de combatividade, e se demonstrem dispostos a defender um programa político que proporemos internamente às DDAEEE.

O recurso a elementos isolados das DDAEEE traz-nos uma dificuldade desde logo, que é a de estudarmos as formas de contacto e adesão.

Estabelecer duas fases para a nossa acção, esta é a forma que nos parece permitir superar a dificuldade que reprimos. Duas fases que serão:

1- Partir para o trabalho, com os camaradas do MES que integram algumas das estruturas que apontamos e com outros camaradas que as células do nosso Partido considerem reunir condições para desde já virem a fazer parte da CAR.

2- A partir de uma campanha de divulgação progressiva dos objectivos e programa da Corrente Associativa Revolucionária passar ao recrutamento de camaradas que se afirmem dispostos a trabalhar.

Esta proposta organizativa, supõe, desde a primeira fase, a criação de estruturas de direcção, ao nível nacional e regional, que garantam a centralização e coordenação do trabalho realizado em cada momento. Isto torna-se imprescindível tanto mais que sem estruturas de direcção, a CAR assentará bastante no espontaneísmo e na intervenção desgarrada. Só num momento posterior poderemos pensar em garantir estruturas locais, escola a escola, depois de termos dado os passos necessários à consolidação da CAR no seio dos estudantes.

Estas duas fases exigem das estruturas partidárias a máxima atenção quanto ao cumprimento das directrizes que iremos definindo e ainda um empenhamento profundo nos órgãos e na vida da escola, de modo a permitir que os camaradas do MES se destaquem como militantes de vanguarda e com capacidade de análise e direcção dos problemas estudantis.

Só desta forma a CAR se tornará uma força dirigente no seio do movimento associativo, jogando sem dúvida no reforço e continuação das estruturas até agora criadas.

À CAR caberá a importante tarefa de programar de uma forma actuante, a intervenção associativa de um conjunto de quadros, para a acção no ENDA, RIA's, Encontros Sectoriais, Executivo Nacional, etc...

Estamos neste momento em condições de avançar na construção da CAR, ultrapassando alguns dos erros do passado, avançando com firmeza no reforço do MES nas escolas, única forma consequente de opor barreiras à penetração das medidas de reestruturação capitalista.

ATRAVER-SE A LUTAR É COMEÇAR A VENCER !!!  
Resolução da CP/CN

Reforçar o MES

no Secundário

Regruar os CUB

### I) A SITUAÇÃO ACTUAL DO M.E. E A POSIÇÃO DO MES FACE A ELA

A ofensiva do MEIC no sector liceal é um dos passos da ofensiva geral do Governo a todos os níveis da sociedade, impondo um projecto de recuperação capitalista.

A ofensiva do MEIC é uma ofensiva centralizada e perfeitamente articulada com os seus agentes em cada escola (sobretudo CD's, profs reaccionários, as forças de direita). A única resposta eficaz, só poderia ter êxito, se também fosse perfeitamente centralizada.

Contudo, isso não aconteceu, e a resposta dos secundários foi extremamente desagregada e impotente, devido às seguintes razões:

- 1) Neste momento, a composição estudantil do secundário, é de elementos que não sentiram directamente a repressão fascista, e que não participaram nos processos de transformação da escola pós 25 de Abril. Assim, não há grande sensibilização para a defesa de algumas dessas conquistas (gestão) e certos traves de mobilização tornam-se consequentemente mais esbatidos.
- 2) Face a esta situação de Governo forte, e de possibilidade de vitória quase nula de processos reivindicativos contra o MEIC, o ME no secundário, face à ofensiva reaccionária, tem tendência a aceitar passivamente essas imposições, na medida em que não tem confiança na sua própria força.
- 3) Assim, a resposta foi por escola, sem alargamento nem centralização, o que a condenou à partida.

É isto também que explica o grande ascenso da direita e a sua completa hegemonia actualmente sobre o secundário. A partir do momento em que estava a ser aplicado um processo de recuperação capitalista, a direita movia-se no seu próprio campo, integrando-se na torrente de "normalização" da escola.

A esquerda (bem como a extrema-direita a nível diferente), surge como desestabilizadora, remando contra a corrente, o que provocou um certo isolamento em relação à massa estudantil.

Mesmo em liceus tradicionalmente da esquerda como o Passos Manuel em Lisboa, onde a direita está fracamente organizada, as eleições para os órgãos autónomos estudantis foram ganhos por ela. Isto quer dizer que, actualmente, a grande maioria da massa estudantil está sensibilizada para as questões de estudo, não se interessando pelas questões políticas, apoiando as forças capazes de assegurar a normalização das escolas, como factor essencial para os seus desejos de promoção social.

Neste sentido, o tipo de intervenção mais correcto, tem que ter em conta estes 2 aspectos: objectivamente existem traves de mobilização dos estudantes (luta pela democracia e contra a ofensiva do MEIC, quotidiano estudantil, etc.); subjectivamente os estudantes estão desmobilizados pelas razões já anteriormente apontadas.

Contudo, as condições determinantes, e até capazes de alterar as subjectivas, são sempre as objectivas.

Daqui se pode concluir que a actuação do MES não pode ser:

- 1) de organização tradicional, repetindo os eternos chavões, o que a acontecer só cavaria um fosso ainda maior entre os estudantes e os revolucionários.
- 2) de organização de animação cultural, pois isso é uma posição contra-revolucionária de adaptação à situação do ME, não visando a sua transformação radical, a qual é feita sobretudo através da luta política.

O MES terá que lançar e dirigir uma organização frentista capaz de ser, por um lado, uma estrutura de combate à recuperação capitalista, e por outro de lançar um profundo trabalho ideológico e cultural.

Só um organização como esta, capaz de articular numa só estrutura estes 2 tipos de intervenção, poderá sobreviver e desenvolver-se na actual situação do secundário.

## II) SITUAÇÃO DO MES NO SECUNDÁRIO E POLÍTICA A ADOPTAR FACE A ELA

O nosso objectivo estratégico para as escolas como ficou correctamente assente na 2ª Conferência Nacional de Estudantes, é a construção da UER. E quem a vai construir, também sobre isso não ha dúvidas, é o MES. Portanto sem MES não há U.E.R.

Contudo, o que se passa no sector do secundário, com particular relevância para a zona de Lisboa, é que a quase totalidade dos camaradas que asseguram a nossa intervenção, ou vão para a universidade ou para o propedéutico. Isto quer dizer, por outras palavras, que praticamente não existe MES no ensino secundário, no início do ano lectivo.

Por outro lado, verifica-se que não há uma crise de definição da linha de intervenção a ser seguida pelo sector. Assim, encontra-mo-nos na melindrosa situação de termos uma linha política e não haver camaradas que a possam levar à prática.

Toda esta situação leva-nos a deduzir que as tarefas principais que se nos colocam não são as de reforço ideológico e de esclarecimento do nosso projecto político (o que já foi feito na 2ª Conferência de Estudantes), mas sim de aplicar e levar à prática esse mesmo projecto. Em suma, reforçar, centralizar e alargar o MES no ensino secundário.

Assim, temos de ~~arranjar~~ arranjar com uma política audaciosa nas firme de recrutamento de novos camaradas e de formação de novos quadros para que a nossa intervenção no secundário não desapareça, o que está em riscos de acontecer em Lisboa, se não se tomarem medidas firmes. Isso será feito, numa fase inicial, através de estruturas frentistas, os COMITÉS UNITÁRIOS DE BASE, lançados pelo PEGAR PELA RAIZ.

O papel do PEGAR PELA RAIZ (P.P.R.) vai ser o de apresentar perspectivas de mobilização e avanço do M.E., por um lado, e de intervenção cultural, por outro. Além disso, será a espinha central dos Comitês Unitários de Base (CUB). Tem também o papel fundamental de lançar iniciativas centralizadas (convívios, colóquios, cantos livres, etc.) onde tomaremos contacto mais de perto com camaradas simpatizantes do jornal, os quais devemos ter como objectivo organizar, e futuramente enquadrar no MES.

Esta é uma visão geral do papel do Pegar Pela Raiz.

Contudo, a nível local e prático, temos de considerar 2 tipos de situações:

- .1- Escolas em que não há qualquer tipo de intervenção organizada do M.E.S.
- .2- Escolas em que já há.

.1- Nos primeiros casos, o objectivo é formar CUB's, que vendam o PPR na sua zona, criando e desenvolvendo os grupos apoiantes. Numa fase posterior devemos avançar com a autonomização no campo das edições de jornais (CUB's que serão acompanhados e dirigidos por camaradas ligados aos núcleos centrais), lançando jornais regionais (em vilas ou em pequenas cidades das zonas rurais) ou de escola (nos centros urbanos). Estes sensibilizam de uma forma muito mais directa e concreta os estudantes do secundário do que um jornal nacional, que só fala de problemas gerais, e que tem como função ser um guia orientador e organizador global.

.2- Nos casos em que já haja intervenção frentista, e onde o MES, já está consolidada, terá de haver uma reconversão da intervenção no sentido de formar CUB's, e transformar jornais hegemónizados por nós em jornais dos CUB's.

Vejamos um exemplo concreto: em Viana do Castelo existe um jornal feito pelo MES e por independentes, o "Intervenção", o qual já tem todo um trabalho e prestígio prestígio consolidados. Lançar aqui um CUB que fizesse outro jornal era uma duplicação de esforços e corresponderia a um recuo no trabalho. Aqui deveremos transformar o "Intervenção" em jornal do CUB local, tornando-o não só num jornal cultural, mas também de direcção política, e que tentará semear CUB's por toda a região. A par disso deverá divulgar o PPR que veiculará as posições políticas fundamentais de intervenção

### III) ESQUEMA ORGANIZATIVO A ADOPTAR

A tarefa central dos estudantes do MES na actual fase para o ensino secundário é a construção duma organização de tipo frentista de características político-cultural, cujo primeiro e decisivo passo é o lançamento dos CUB, que devem ser a base material em cada escola da construção dessa organização.

Tendo em conta o objectivo central definido na 2ª Conferência Nacional do Sector, os CUB serão um suporte organizativo e político da construção da UER no ensino secundário

QUAIS OS OBJECTIVOS DESTES GRUPOS DE INTERVENÇÃO?

#### A) Ao nível partidário

- 1- divulgação e aplicação das perspectivas e objectivos do MES
- 2- funcionar como estrutura previligiada de enquadramento partidário.

#### B) Ao nível cultural

1- Onde existe intervenção cultural organizada, os CUB terão o papel de apoiar esta intervenção, de favorecer um "intercâmbio" cultural (experiências realizadas em diversas escolas), através de iniciativas dinâmicas realizadas pelo PEGAR PELA RAIZ e pelo próprio jornal de escola.

2- Onde não existe intervenção cultural organizada, deverão criar-se CUB's através do Pagar Pela Raiz.

#### C) Ao nível político

Os CUB além da dinâmica cultural serão estruturas de intervenção política, actuando aos diversos níveis da escola (resposta à política do MEIC, Conselhos directivos, AAE, Assembleias de Delegados de Turma).

#### COMPOSIÇÃO

Os CUB serão compostos por camaradas do MES, simpatizantes e independentes, não devendo ser abertos a membros de outras organizações políticas. Aliás a definição dum programa político e do trabalho vedará o caminho a quem eventualmente pretenda inflectir o trabalho desta organização.

NOTA IMPORTANTE dentro em breve a CP/CN divulgará o plano de trabalho propriamente dito.

CONSOLIDAR O MES NO ENSINO SECUNDÁRIO PARA AALARGAR  
E ORGANIZAR O TRABALHO FRENTISTA !

AUDÁCIA NO TRABALHO FRENTISTA!

Resolução da CP/C.N.

# A LUTA CONTRA O PARLAMENTARISMO

## A NOSSA TÁCTICA PARA AS A.M.R.R.

### 1- DECRETO DE GESTÃO == PRIMEIRO PROCESSO DE LUTA NACIONAL.

Este primeiro processo de luta em defesa das conquistas estudantis, e contra a introdução do parlamentarismo, representou o primeiro movimento de massas estudantis na luta contra o Governo e a reconversão capitalista das escolas.

A fraqueza do movimento estudantil, do nosso Partido e a influência de órgãos contraditórios como os CCDD na direcção do processo retirou largas capacidades de luta ao movimento gerado e explicam as dificuldades na colocação correcta daquilo que o decreto de gestão representa.

O S.E.O.R.L., estrutura que dirigiu a nossa intervenção no movimento, fariandois meses após o início da luta, o seu balanço e "explicitava os objectivos que tínhamos prosseguido."

Esta análise hoje já claramente ultrapassada pela dinâmica da discussão coloca a necessidade de definir uma tática correcta para a luta nas ARs, CP e CD, articulada com a tática geral do Partido para esta fase de luta,

Um ponto há ainda que retirar desse processo de luta: o ascenso da direita nas escolas e a importância das votações para as ARs deve-se ao estado do movimento popular e do movimento estudantil e às incapacidades dos revolucionários.

Este acesso é fruto da radicalização à direita de importantes camadas intermédias de estudantes que não se sentiam seguras com o processo em curso.

2- A luta contra a reconversão capitalista das escolas faz parte integrante das tarefas definidas pelo Partido no sentido de erguer a Resistência Popular Activa à ofensiva burguesa.

O ganhar dos sectores intermediários deve ser uma preocupação da nossa acção, só assim conseguiremos base de apoio para os processos de luta e para bater a direita nas escolas.

A tática concreta a adoptar em cada escola dependerá da influência nas massas dos órgãos parlamentares, da forma como está a ser conduzida a reestruturação: passando ou não pelos próprios órgãos de gestão de cada escola.

### 3- PARTICIPAR OU NÃO NOS CCDD?

Não há resposta a esta pergunta. Será a própria dinâmica do movimento estudantil e dos avanços na reestruturação das escolas. Não podem existir quanto a esta questão posições de princípio? A relação de forças é que deve ditar a nossa posição, ainda que ela deva sempre corresponder a uma posição de avanço na luta contra a reconversão.

Partido  
Resistência Popular Activa

Participar ou não nos CCDD deve ser respondido no seguinte sentido: qualquer posição que se tome deve servir da melhor forma o combate à direita e ao revisionismo e a luta contra a reconversão capitalista.

No que respeita aos órgãos de gestão das escolas é retirando as conclusões do anterior processo de luta, é necessário definir o seguinte:

- 1) A luta contra o decreto de gestão e parlamentarismo é uma parte fundamental da luta contra a reconversão.
- 2) A orientação para a acção interna aos órgãos de gestão deve ser definida de baixo dos seguintes princípios:
  - a) Defesa da estrutura democrática da escola, inclusive AGEs como órgãos máximos.
  - b) Denúncia e combate à reconversão capitalista
  - c) Defesa das conquistas estudantis e luta pelo melhoramento das condições de estudo e dos métodos pedagógicos.
  - d) Defesa do desenvolvimento das estruturas democráticas de base dos estudantes.
  - e) Ampla informação à escola das actividades dos órgãos de gestão.

Daqui resulta que se a tática do Partido deve ser guiada pela luta contra o parlamentarismo, esse aspecto não pode significar atirar, sob a nossa acção, para a direita amplos sectores intermediários das massas, essa não seria uma posição revolucionária mas vanguardista.

#### 4- INICIATIVAS INTERNAS

- a) Organização das células tendo como um aspecto central de intervenção a questão das ARs e CD.
- b) Os secretariados de célula devem conter em princípio o camarada responsável directo pelo trabalho no CD e na AR.
- c) As células devem tomar posições sobre os aspectos pedagógicos e desenvolver de desde já uma campanha de informação e esclarecimento sobre a reconversão das escolas.  
Como medida prática imediata aponta-se a saída dum comunicado de cada célula a distribuir ou nas escolas em aules, ou nas bichas das inscrições, ou nas cantinas.  
Deverão ser feitas cartazes do M.E.S. sobre a reconversão capitalista.
- d) Deverão ser feitas regularmente reuniões em que participem os camaradas estudantes e professores que se encontrem em estruturas de gestão das escolas de Lisboa.

#### 5- INICIATIVAS EXTERNAS

- a) A par da campanha de propaganda da célula deverá ser feita propaganda da lista em que participamos para a gestão quer seja unicamente dinamizada por nós ou mesmo com outras forças.
- b) As listas deverão elaborar boletins informativos regulares, por exemplo, xensais.
- c) As listas no início do ano deveriam reunir para análise da situação onde deveríamos propor a saída dum manifesto da lista onde se definiria as linhas do nosso futuro trabalho.
- d) No âmbito do trabalho de cada lista deverá promover-se iniciativas, no estilo de inquéritos, sobre saídas profissionais.
- e) A nível regional e nacional promover-se-iam encontros por ramo de ensino no qual participariam AAEE/listas ARs e se definiriam posições conjuntas face à "reestruturação do ensino".

## 6- CAMPANHA DE SENSIBILIZAÇÃO A DESENVOLVER CONTRA A REESTRUTURAÇÃO DAS ESCOLAS

Durante todo o mês de Outubro, desenvolver intensa campanha de sensibilização e agitação, preparando as massas para o desenvolvimento dum conjunto de acções, que organizassem a mobilização estudantil na base, tendo como perspectiva central o afrontamento global ao M.E.I.C..

Nesta primeira fase a nossa acção seria o lançamento duma campanha de agitação, que consistiria no lançamento de comunicados partidários, ligando os problemas específicos de cada escola ao problema geral da reestruturação, feitura de cartazes, (transcrevendo os comunicados) alargando esta campanha (em Lisboa) à cantina velha e à Brejnev, zona que não tocamos partidariamente, etc,.. Será também importante lançar manifestos e comunicados das nossas listas das ARs.

Numa segunda fase iniciar-se-ão as reuniões sectoriais a nível nacional, após reuniões regionais preparatórias, e contando com o apoio de estruturas regionais (RIAs) e nacionais (executivo do ENDA no Ensino superior) — Estas reuniões seriam ao nível de DAES.

Reuniões sectoriais a realizar:

Tocadas por nós: Economia e Ciências Sociais

Engenharias

Letras

Magistérios

Não tocadas: Medicinas e Enfermagens

As reuniões sectoriais em condições de se realizarem mais rapidamente são, Economia, Ciências Sociais e Engenharias.

(realizou-se já uma reunião entre as DAES do ISE, ISCTE, ISSS, ISCSB)

Está também convocada para quarta-feira, 12/10/77, uma reunião do Executivo Nacional do ENDA do Ensino Superior.

ESCOLAS A CONVOCAR, para cada sector:

Económicas e C. Sociais:	FEP	AAC	ISSL
	ISSSP	ISCAC	ISCAL
	ISCAP	ISE	ISCSP
	ISCAA	ISCTE	BENTO JESUS CARAÇA
Engenharias:	FEUP	ISEC	LETRAS: FLUP
	ISEP	IST	AAC
	AAC	ISEL	FIL

E ainda Magistérios, Medicinas e Enfermagens.

Funcionamento e preparação destas reuniões. (tendo em conta os aspectos específicos de cada sector). Importa salientar que estas reuniões deverão assumir um carácter o mais possível rigoroso e científico, de forma a garantir um grande impacto, na fundação das nossas posições, e nos meios de comunicação de massas. Devemos assegurar uma ampla divulgação acompanhada de agitação e mobilização estudantil.

Estas reuniões deverão funcionar por secções (por exemplo no caso das teses a submeter ao plenário onde estas serão aprovadas assim como outras teses centrais mais gerais).

À preparação das teses deve ser dada particular atenção pela nossa parte, marcando prazos e responsabilidades, assegurando a nossa direcção sobre estes encontros.

. Datas possíveis: para a secção de EC e CS poder-se-ia apontar para dia 5 de Novembro, aproveitando a semana do 1º ano a realizar possivelmente na semana de 6 a 12 para a divulgação das conclusões dos encontros. (poder-se-ia também apontar para a mesma data os encontros de engenharia e Magistérios).

. Agitação e divulgação dos encontros.

Do ponto de vista associativo a DAAEE devem divulgar por comunicados e cartazes a realização dos encontros assim como o seu programa e objectivos.

As comissões organizadoras, que deverão ser criadas, deverão lançar comunicados e dar conferências de imprensa, divulgando primeiro a realização dos encontros e posteriormente as respectivas conclusões. (no caso da reunião das EC e CS, aponta-se a conferência de imprensa, a anunciar o encontro, para dia 2 de Novembro).

As comissões organizadoras deverão editar cadernos tipo "cadernos do MES" para a divulgação das conclusões.

No campo dos meios de comunicação de massa as Comorg's deverão entrar em contacto com publicações como o Jornal de Educação, o Diário Suplemento, Página Um e programa Contraponto da RDP, tendo em vista a realização de mesas redondas, reportagens, etc.

Local: No caso de Economia e Ciências Sociais aponta-se para Coimbra.

Deverão ser também apresentados documentos sobre o conteúdo das teses a apresentar, assim como palavras de ordem gerais a que estes encontros deverão ser submetidos.

Como palavra de ordem, para esta 1<sup>a</sup> fase, a utilizar nos comunicados partidários ou das DAAEE ou manifestos e comunicados das nossas listas nas AARR poderemos a-tiantar:

UNIR OS ESTUDANTES NA BASE  
DEFENDER A DEMOCRACIA  
CONTINUAR A LUTA!

AO TRABALHO  
VIVA O MES!

CAMARADAS!

Este "EPC" saiu com um atraso enorme devido às dificuldades financeiras que atravessamos.

Se fores regular e disciplinado no pagamento daquilo que lês, CONTINUA-REMOS A EDITAR REGULARMENTE E A TEMPO E HORAS O NOSSO PRECIOSO BOLETIM.

# O MES deve conduzir a luta contra o desemprego estudantil

hoje milhares de jovens, tem tendência para se agravar substancialmente devido às medidas repressivas do MEIC que limitam brutalmente o acesso à Universidade, o Executivo Permanente da Coordenadora Estudantil decidiu na sua reunião de 9 de Outubro:

Faca à crescente gravidade do desemprego estudantil que atingindo hoje milhares de jovens, tem tendência para se agravar substancialmente devido às medidas repressivas do MEIC que limitam brutalmente o acesso à Universidade, o Executivo Permanente da Coordenadora Estudantil decidiu na sua reunião de 9 de Outubro:

\* Que a nosso Partido tem condições para ter um papel dirigente no lançamento e avanço da luta contra o desemprego estudantil

\* Que o processo deve ser iniciado pela realização de uma reunião restrita entre direcções associativas ( de liceu e de universidade ) hegemónicas pelo MES. Nessa reunião deve ser aprovado um manifesto contra o desemprego estudantil e convocada uma reunião alargada inter-Associações. O manifesto deve ter uma clara posição política progressista mas não uma referência demasiado marcada em relação às nossas posições. Com efeito, o objectivo a alcançar quanto à composição dessa reunião alargada deve ser de conseguir que estejam presentes Direcções Associativas de várias tendências de esquerda, mas, assegurando a capacidade de liderança das Associações da nossa confiança.

\* Conseguidos os objectivos de composição da 2ª reunião atrás referida, há que procurar aprovar nesse momento o seguinte :

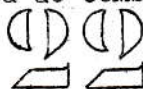
Eleição de uma Comissão Nacional de Luta contra o Desemprego Estudantil; esta estrutura deve conduzir um amplo processo de informação, mobilização e organização ao nível nacional; esta estrutura é composta por pessoas e não por representantes de Associações; quer isto dizer que se trata de uma estrutura que pode e deve ser apoiada pelas Associações mas que não se trata de uma estrutura associativa.

Nessa reunião (alargada), para além da eleição dessa estrutura, há que aprovar um documento mais profundo que o Manifesto inicial, que deverá ser amplamente divulgado em todo o país, e que contenha um Programa de Luta com objectivos a atingir

- o nosso Partido vai organizar-se para conseguir deter a direcção e hegemonia nessa estrutura, assegurando assim desde o início do processo, um papel de vanguarda, tanto ao nível político como organizativo

- todo o processo de mobilização, luta e organização deve ser conduzido de forma a conseguir o apoio de largas camadas estudantis, evitando todo e qualquer sectarismo e radicalismo; este processo tem de estar ligado - determinadamente - intensamente ao nosso processo de construção da UER, deve ser dirigido de maneira a que seja progressivamente mobilizador, de forma a que nos fins do 2º período se esteja em condições de desenvolver acções nacionais de grande envergadura.

- a luta contra o desemprego estudantil tem de ser politicamente articulada com a luta mais global contra o desemprego de forma a assegurar o não isolamento e pelo contrário, a ligação correcta ao combate global do Povo Português.



# BALANÇO DO 2º ACAMPAMENTO

## HISTÓRIA DO 2º ACAMPAMENTO - DECISÃO POLITICA E ORGANIZATIVA

A 5ª reunião da Coordenadora Nacional realizada no Porto, em finais de Março, teve a oportunidade de abordar e iniciar a discussão em torno dos objectivos politicos a apontar no sector estudantil no âmbito do periodo dos meses de Verão, assim como das diversas opções que se colocavam quanto á forma de concretização dessa iniciativa partidária.

Nessa altura surgiram 2 posições quanto ás prioridades a estabelecer para o trabalho do sector no sentido do seu reforço e fortalecimento politico e organizativo:

- uma posição apontava como objectivo importante o reforço da ligação do sector estudantil ao Partido, pelo que se propunha que, o Comité Central juntamente com a C.N. estabelecesse um plano de distribuição dos camaradas estudantes pelas diversas regiões de trabalho do nosso Partido onde, o apoio de camaradas de "fora" fosse necessário e útil. Para o efeito formar-se-iam grupos compostos por camaradas de diversas regiões do nosso trabalho na frente de luta estudantil, que teriam também como objectivo aprofundarem o nosso Programa imediato de luta. A finalizar essa estadia colocava-se como necessária a realização de uma iniciativa que juntasse os diversos grupos, como forma de retirar conclusões e apontar as tarefas que se nos colocavam no nosso trabalho

- uma outra que apontava como objectivo principal o reforço politico e organizativo do sector a nivel nacional no sentido de se processar um profundo balanço do nosso trabalho durante o ano (e que a 2ª Conf. Nacional do Sector não teria a capacidade de o fazer de uma forma total) e á luz disso e do Programa de Luta, que se avançasse na clarificação e concretização das grandes tarefas que se iriam colocar aos estudantes comunistas do MES no inicio do ano escolar 77/78.

Para tal era necessário avançar para a concretização de uma realização global onde a participação organizada das células e outras estruturas do sector fosse dominante e que o aspecto do trabalho manual junto de sectores assalariados não fosse esquecido. E uma realização deste tipo, com estas características, susceptível de avançar politicamente, constituia o 2º Acampamento Nacional...

Em qualquer das opções a necessidade de avançar na Formação de Quadros estava claramente presente; havia, no entanto, divergências quanto á sua concretização.

Foi a 7ª Reunião da Coordenadora Nacional realizada em Maio que acaba por tomar a decisão quanto á actividade do sector durante os meses de Verão. A C.N. decidiu-se pela segunda opção e apartir daí a mobilização e preparação do 2º Acampamento deveria orientar e inscrever-se no periodo da intensa preparação da 2ª Conferência Nacional do Sector Estudantil do nosso Partido.

Contudo, e por falta de direcção da C.N. o processo de mobilização e preparação do 2º Acampamento distorceu-se e afastou-se do processo de preparação da 2ª Conf. Nacional do Sector. Por isso mesmo, tornou-se necessário politicamente que fosse durante a 2ª C. N. do Sector que este ponto fosse novamente colocado e discutido e que sobre ele se tomasse uma decisão final, capaz de quebrar a apatia e passividade que a maioria do Sector tinha caído face a ele, e que chegou mesmo a merecer o desprezo por parte dos camaradas que dirigiam o trabalho.

Essa apatia e passividade perante a realização de uma actividade partidária global era uma expressão da falta de combatividade politica que grassou no nosso seio no declinar do processo de luta de Coimbra. Representou também uma falta de combatividade organizativa, isto é, um desprezo pelas tarefas de organização partidária no sentido do reforço do MES a caminho da organização comunista e de vanguarda pela ligação dessas tarefas á luta politica de massas, onde o nosso Partido, nas frentes de luta onde intervem, se deve afirmar como força dirigente quer nos momentos de avanço quer nos de recuo.

Para levar á prática a decisão da 2ª Conf. Nacional em "PREPARAR E REALIZAR ACTIVAMENTE O 2º ACAMPAMENTO NACIONAL" era necessário constituir uma comissão organizadora que terminaria as suas funções no 1º dia do Acampamento. A partir desse momento as tarefas de preparação e organização estavam a cargo dessa comissão. Durante o mês de Julho o seu trabalho foi incansável: saíram 3 circulares, o boletim de inscrição e 2 EPC, um totalmente dedicado ao 2º Acampamento e o outro com as conclusões da 2ª C.N. do Sector e que constituia a base fundamental de trabalho para a nossa importante realização.

## 2. OS OBJECTIVOS AFIANTADOS PARA O II ACAMPAMENTO

No EPC nº 15 (inteiramente dedicado ao II Acampamento) apontamos 3 objectivos:

1- ESTUDAR, APROFUNDAR E CONCRETIZAR O NOSSO PROGRAMA DE LUTA PARA AS ESCOLAS

2- FAZER DO ACAMPAMENTO UMA GRANDE JORNADA DE CONVIVIO E CONFRATERNIZAÇÃO MILITANTE E COMUNISTA

3- FAZER DA MOBILIZAÇÃO PARA O ACAMPAMENTO UM COMBATE ÀS FÉRIAS DE "PAPO PARA O AR" E INDIVIDUALISTAS

Para o 1º objectivo, desenvolviamos: (...) "Com a realização da II Conferência Nacional de Estudantes, O MES passa a ser a única organização com palavras de ordem claras para a luta estudantil e com um programa de luta aprofundado, base fundamental para que os estudantes comunistas do MES se possam pôr á frente das movimentações e lutas estudantis.

Mas torna-se evidente que não conseguiremos cumprir as tarefas de direcção das lutas que iremos travar, sem um bom lote de quadros, organizados e coesos, com uma capacidade politica mínima.

Isto já o temos afirmado várias vezes! E, apesar dos avanços dados, esta continua a ser uma tarefa fundamental no conjunto das tarefas do nosso trabalho e que acompanha naturalmente o desenvolvimento da nossa implantação e amadurecimento.

As responsabilidades que ganhámos no seio da luta estudantil exigem muito mais de nós! Exigências que recaem fundamentalmente sobre o nosso grau de organização e também sobre o grau de empenhamento e iniciativa dos camaradas.

O Acampamento não vai "criar" os tais quadros de que necessitamos, nem vai "olear" suficientemente a nossa organização para a luta estudantil, porque é na nossa capacidade de nos ligarmos ás massas e dirigir as suas lutas que daremos saltos em frente no terreno do fortalecimento partidário, politica, ideológica e organizativamente!

### PARA O II ACAMPAMENTO AVANÇAVAMOS:

(...) O sector estudantil conseguiu já, ganhar uma coordenação e uma troca de experiências e de trabalho entre as estruturas partidárias, bastante apreciáveis. No entanto, sabemos bem o que representa o afastamento a que somos vetados durante um ano de trabalho, de duro trabalho. Por essa razão, mal nos conhecemos uns aos outros, sabemos apenas, e por vezes muito vagamente, as condições de trabalho politico nesta ou naquela região, as vitórias e as derrotas que vamos tendo...

Deste modo, o II Acampamento tem também de constituir um marco importante no caminho da organização colectiva e revolucionária do quotidiano dos militantes e no reforço da solidariedade militante e comunista.

### PARA O III OBJECTIVO AFIRMÁVAMOS:

Todos os camaradas têm uma grande responsabilidade no grau de mobilização das suas estruturas. A partir de agora esta passa a ser uma das tarefas centrais dos camaradas e das células.

A opção de classe que fizemos como combatentes de uma organização comunista impõe que ela também se estenda á "nossa vida". Não podemos mais continuar a separar e a abrir o fosso entre a "vida" e a "politica". A superação desta situação faz-se fundamentalmente nas células, no trabalho quotidiano. Mas •

Acampamento deverá também abordar este problema.

As "desgraças da vida" não podem ser remoldadas repisadas; antes têm que ser superadas no calor do trabalho e no calor da vida das células partidárias. Debatendo de forma franca e camarada, participando nas tarefas decididas colectivamente, ergueremos uma barreira ao isolamento, que pode ser agravado com a aproximação das férias!

E agora o desafio está lançado: que os camaradas optem por passar as férias de "barriga para o ar" e a "polir esquinas" ou por se empenharem colectivamente num projecto global de discussão política, trabalho manual e animação cultural convívio...

Estes eram os objectivos específicos que teriam de suportar todo o trabalho de mobilização e preparação para o Acampamento, porque foi á luz das grandes Tarefas que constituem o nosso Programa Imediato de Luta Para a Frente Estudantil, que se debruçaram as nossas principais preocupações.

## UMA VITÓRIA FOL PARA APROFUNDAR

Estabelecer qualquer comparação entre o Iº e o IIº Acampamento, para além de ser um vício nos métodos de análise de qualquer situação nova, também é um método inconsequente politicamente porque não permite tirar conclusões duma realização e iniciativa partidária que se realizou numa determinada fase da situação do Partido, numa determinada fase do trabalho na Frente de Luta Estudantil, que se diferenciava bastante das que vivíamos aguardando da Realização do Iº Acampamento.

Retirar os ensinamentos deste nosso IIº Acampamento Nacional á uma tarefa política importante que não pode ter como base as conclusões que retirámos há um ano atrás. As que retirámos há um ano até já foram "pülverizadas", isto é fizemos um esforço para as integrar no nosso quotidiano no método de nos transformarmos em militantes comunistas e dar importância renovada ao trabalho colectivo que o trabalho de organização e político de uma célula comunista impõe.

Foi um ano virado para a direcção das principais lutas de massa. Foi um ano virado para o alargamento do nosso trabalho político no seio das escolas. Foi um ano virado para o trabalho ~~em massa~~, duro e lento, de organizações e reforço da nossa implantação. Foi um ano em que as contradicções no seio do nosso partido se agudizaram e que só tardiamente se começaram a demarcar as mais importantes.

Contradicções que retraíram, definharam o trabalho global do partido e que não deixaram de influenciar o trabalho do sector. Foi um ano em que alguns camaradas não souberam combater com energia o processo que a situação de democracia burguesa e do parlamentarismo geral ao nível global da sociedade, e que também os revolucionários ainda pouco maduros e combativos se deixam enredar: a "ideológico, que abala a consciência e que gera a burocratização nos métodos de trabalho, o definhamento, a fraca ligação ás massas, e grupuscularização; por outro lado o conformismo, assalta também alguns camaradas e também algumas estruturas e que lhes tiram iniciativa e combatividade e também disposição para a luta de massas e para o combate político no seio do partido.

Foi este quadro conjugado com a importancia da II Conferência Nacional e dos objectivos aprovados aí, que determina a realização do II Acampamento.

CPV  
CPED

O II Acampamento constituia, assim, a finalização dum ano de trabalho, mas também e fundamentalmente, o arranque decisivo para novo ano de luta.

-continua-

O II E Acampamento do Sector traduziu-se numa importante vitória:

- A participação dos camaradas excedeu todas as perspectivas. Participaram no Acampamento 88 camaradas, e o número máximo de camaradas que se conseguiu juntar de uma vez só foi 72!!

- De realçar o carácter nacional desta nossa realização que teve a participação de camaradas das regiões fundamentais do nosso trabalho.

- Participação significativa de camaradas simpatizantes, tanto em número como na capacidade demonstrada em se integrarem correctamente em todas as tarefas do Acampamento

- Embora as condições logísticas e o tempo ameno que apanhamos tenham criado uma base material importantíssima para que o Acampamento corresse bem, a verdade é que essas condições foram ao máximo aproveitadas para nos garantir disponibilidade de tempo para nos dedicarmos a fundo na concretização dos objectivos que nos juntaram durante 17 dias.

- A discussão política embora se tivesse iniciado um pouco tardiamente e com algumas hesitações, decorreu de forma que houvesse nos grupos de trabalho uma intensa participação activa e também, o que foi extremamente positivo, uma dinâmica de troca de experiências do trabalho, que mais nenhuma outra realização conseguiu preencher. Contudo ficaram alguns pontos discutidos de forma incompleta e superficial, facto que assenta na impossibilidade de uma realização destas ser solução para todos os nossos males e que dali saíramos com todas as propostas elaboradas e firmadas para o próximo trimestre; assenta também em alguns defeitos da direcção do Acampamento quanto á marcação dos tempos de discussão e isolamento dos aspectos centrais do debate.

Outro aspecto do debate político que importa realçar foi o de termos avançado para a discussão sobre a situação interna do Partido, sem apoio nenhum da direcção central do Partido, o esforço desenvolvido por todos nós no sentido de isolarmos e entrarmos nas questões principais foi só apoiada por 2 camaradas membros de 2 direcções regionais do nosso Partido: DORP e DORL. O debate centrou-se fundamentalmente para a sensibilização da grande maioria dos camaradas presentes para o combate que se trava no seio do Partido sem, no entanto, cairmos num método de discussão tendente a aprovar e decidir sobre esta matéria, naquele momento.

- A confraternização militante e comunista, esteve sempre presente e foi reforçada a partir da 1ª Assembleia de Acampamento (que se realizou nos primeiros dias) destinada á critica e autocritica. Na realidade, para além dos espaços de

203

convívio definidos colectivamente e que se dirigiam fundamentalmente para enriquecer o nosso processo de formação política (ex: deram-se passos muito grandes na sensibilização para o trabalho cultural) houve uma intensa e rica troca de experiências, permitindo que cada camarada se sentisse solidário quer com as fraquezas do nosso trabalho nalgumas regiões quer com os avanços dados noutras, se sentisse solidário com o trabalho que desenvolvemos quotidianamente.

Os contactos com os trabalhadores da cooperativa e com a população de Albernoa, foram sem dúvida os momentos mais importantes e significativos que vivemos durante os 17 dias. Participando, através do trabalho manual na vida da cooperativa, a nossa combatividade fortaleceu-se não só na experiência do trabalho duro do campo, mas também e fundamentalmente na experiência que vivemos da forte combatividade e disposição para a luta dos homens e mulheres que vivem e trabalham para que não haja exploradores.

Por outro lado, desenvolvemos na cooperativa e em Albernoa um trabalho muito positivo de animação cultural, em que todos nós fomos chamados a trabalhar activamente neste campo, sendo poucos os camaradas que se puseram numa atitude passiva. Com a realização de uma festa em Albernoa e com o convívio em algumas noites nos "montes" da cooperativa ficou reforçado o carinho com que fomos acolhidos pelos trabalhadores desde o primeiro dia.

Quando dizemos que o Acampamento constituiu uma importante vitória não nos baseamos unicamente na capacidade que tivemos em concretizar as tarefas e os objectivos que tínhamos traçado anteriormente. Baseamo-nos também nas questões novas que surgiram e que têm de ser amadurecidas a partir de agora no nosso trabalho partidário.

A mais importante, sem dúvida, é aquela que diz respeito à formação de quadros. E dizemos isto porque o 2º Acampamento veio reforçar a nossa concepção de que a formação dos quadros radica fundamentalmente na experiência do trabalho partidário na actividade quotidiana do Partido. Mostrou também que a "instrução política" se desenvolve e só ganha sentido na luta para que o Partido seja um instrumento de transformação consciente da realidade. O Partido não é uma entidade especulativa ou contemplativa, mas sim, uma organização para a acção, e só a experiência dessa acção fundamenta a razão de ser do Partido, assim como define os critérios para o seu aperfeiçoamento.

As solicitações que tivemos durante o Acampamento para desenvolvermos um trabalho de animação cultural e às quais tivemos de dar resposta, demonstraram o seguinte:

1. a maioria dos camaradas não possuem um nível de conhecimentos teóricos e de experiência prática vivida para que a nossa acção neste campo deixasse de ser voluntarista e espontaneísta;

2. espontaneísmo e voluntarismo que serão continuados em qualquer momento e em qualquer situação enquanto mantivermos como objectivo prioritário para este tipo de realizações, o "aprofundamento" do nosso programa de luta" e que a organização do nosso quotidiano seja subordinado a isso;

3. trabalho de animação cultural baseado no trabalho manual e nos contactos do Acampamento, colocou a directiva da organização perante a necessidade de...

3. o trabalho de animação cultural tendo-se transformado num dos pontos mais importantes do Acampamento, deslocou a direcção do Acampamento para os camaradas da célula do CEEC, já que a coordenadora nacional se mostrou incapaz (como seria natural) de dirigir essas tarefas, tendo unicamente dirigido (e com algumas incorrecções) o trabalho do debate político e também os aspectos técnicos da manutenção do Acampamento.

4. o trabalho de animação cultural que desenvolvemos irá trazer muitos mais frutos para o trabalho futuro do sector, do que para o Partido naquela região. Isto, porque o nosso Partido não tem ainda definido uma política de intervenção cultural e não está dotado de estruturas naquela região do Partido. Irá trazer frutos para o sector porque permitiu a sensibilização correcta para nos formarmos, também, neste campo, fundamentalmente para o nosso reforço nas escolas.

Outra questão relevante, sem dúvida, foi a importância do Acampamento como poderoso instrumento de combate aos nossos vícios com que a sociedade burguesa nos formou, desde a mais tenra idade.

A ausência do triunfalismo e do derrotismo, a sinceridade com que cada camarada se colocou face aos outros mostrando claramente as limitações e capacidades de que dispomos, foram elementos novos que nos permitirão virar claramente o nosso trabalho para a direcção das lutas, para a direcção do movimento de massas nos momentos de recuo e de avanço. Sabemos também que isso é difícil e é contraditório, como contraditório e difícil é a ruptura com a nossa origem de classe e com as solicitações que a ideologia burguesa carregou a nossa história pessoal.

Só virando a acção do Partido para a luta de massas é que o Partido pode transformar os seus militantes de forma a fazer frente tanto às solicitações da sociedade burguesa a uma vida cómoda, ao individualismo, ao proveito pessoal, como a eventuais condições mais difíceis para o trabalho revolucionário.

Temperamo-nos como militantes comunistas no interior do Partido, na prática da luta de classes, na prática revolucionária, com as vitórias e as derrotas, os avanços e os retrocessos, as deserções e as novas adesões.

Tudo isto implica criatividade e iniciativa, ultrapassando a prática empírica: criatividade para encontrar soluções para as situações e problemas, iniciativa para levar por diante a via da acção mais adequada para pôr um fim a esse problema, para concretizar as soluções.

A formação teórica, a experiência prática e a exemplaridade no trabalho quotidiano não confluem na formação do militante revolucionário, se este não realiza uma reflexão permanente sobre a sua educação, experiência prática e exemplaridade. E a reflexão, a análise, o sentido crítico e autocrítico não é um acto puramente individual mas sim colectivo. Assim reforçaremos e desenvolveremos o espírito colectivo, a solidariedade, a camaradagem, a amizade e o carinho pelo trabalho que desenvolvemos e pelos camaradas que estão ao nosso lado.

SAUDAÇÃO AO II ACAMPAMENTO NACIONAL DOS ESTUDANTES DO MES:

CAMARADAS:

Da aldeia mais ocidental do nosso país e da Europa - Fajãzinha (ilha das Flores)- aqui vão as minhas calorosas e sentidas saudações para todos os companheiros e companheiras de trabalho destes últimos anos que, mais uma vez, quizeram romper com as fórmulas tradicionais e fazer delas uma acção militante a todos os níveis.

Que o II Acampamento seja a construção da camaradagem, do trabalho, da consciência do nosso povo e das nossas tarefas, a reflexão da nossa prática de "vida" e de militantes e o ganhar forças para um novo ano de esforço e luta.

Depois de um período em que a par das dificuldades enafrentar a politica reaccionária do MEIC fomos ganhando preciosas batalhas politicas, ideológicas e organizativas, outro mais difficil se avizinha. Não vai ser um ano fácil para os revolucionários nas escolas, mas temos um instrumento: um programa de trabalho - AS TESES DA II CONFERENCIA NACIONAL - e um objectivo: saber levá-las á prática sem ilusões nem desfalecimentos.

As dificuldades há que saber responder com a "politica" e nunca com o desânimo - esta uma lição a retirar dos últimos meses e a saber adoptar no futuro.

CAMARADAS:

Escrevo-vos duma região bem diferente de Alburnoa, duma zona de pequenos campos e criadores de gado. Quer no Corvo quer nas Flores vivemos e conversámos com dezenas de revolucionários - votantes no PS que hoje denunciam a sua politica de "traição" ao socialismo - que alternativa para esses honens? Tanto trabalho para fazer..

A Revolução precisa de quadros! Esses quadros formam-se na juventude! Mais do que militantes estudiantis, a nossa passagem pelas escolas e a nossa juventude deve estar ao serviço da nossa formação como honens e revolucionários!

Que o II Acampamento seja mais um passo nessa dura e difficil formação!

Bom trabalho - vão tê-lo concerteza!

daqui vai:

um grande abraço militante para todos os camaradas

VIVA O TRABALHO COLECTIVO!

EM FRENTE PELA FORMAÇÃO DOS QUADROS COMUNISTAS!

VIVA O II ACAMPAMENTO!

VIVA O MES!

DD

Paulo Bácia  
(DIDAS)